

A gravata-borboleta

O aseado dormitório, da aseada porém modesta “Pensão Familiar Alegria e Sossego”, onde sossego seria o termo exato para aquele túmulo e alegria texto publicitário sem nenhum cabimento, era tão diminuto e tão singelamente mobiliado, que muito bem satisfaria ao mais enclausurado dos monges.

Catre, cadeira, mesa e pronto.

Mais nada.

A não ser ordem.

Ordem e singeleza eram os principais ornamentos do ambiente.

Sombrio, isso sim, era o quarto, cuja pequena janela dava para um pátio interno emparedado em musgo e nódoas cor de azinhavre.

Amanhécia no resto da cidade mas, naquele quarto, os mais insistentes raios do sol nascente mal conseguiam infiltrar-se pelas frestas da janelinha e nem chegavam a definir a cor de rato das irreconhecíveis flores do papel de parede, já em muitos pontos cuidadosamente remendado por pedaços de papel de embrulho, onde rabiscos de lápis de cor tentavam imitar o desenho original.

Com a manhãzinha, o galo de costume acordou Agostinho Salvestro, o amanuense.

Silencioso, o homem utilizou-se do urinol e despejou numa bacia de ágata lascado a água para as abluções. Escondeu depois camisa adentro aquele corpo magro e sem jeito e, mesmo sem olhar, seus dedos escolheram a gravata-borboleta cor de gema das segundas-feiras. Era essa sua única exigência elegante: o contraste entre o surrado costume de casimira escura e as gravatas-borboleta. Possuía sete ao todo, uma para cada dia da semana, penduradas pela ordem em um barbante de padaria estendido ponta a ponta na face interna da porta do guarda-roupa, de modo a bastar apenas um gesto maquinal para que, todas as manhãs, pousasse-lhe sobre o gasnete a borboleta adequada.

Chapéu de feltro, há um bom par de décadas atrás elegante, Agostinho Salvestro celeremente encaminhou-se para o trabalho.

Amigos, nunca os tivera dentro ou fora do escritório bolorento, onde o obeso proprietário fazia as vezes de rei e feitor, descarregando bílis sobre as costas estreitas do estreito amanuense. Salário, nunca suficiente para um melhor terno ou moradia. Diversão, o trabalho era sua única, e o colarinho branco, costurado com linha amarela, atestava com

precisão a inexistência da mais leve presença feminina em sua vida.

Mas, naquela manhã, como em todas, sentia-se feliz – ah, sim, feliz! – com o próprio trabalho. Dias e noites de tantos anos passara a compor aborrecidos documentos, caprichosa e pachorrentamente, com tal solitária alegria, que o descanso semanal era para ele uma tristeza, longe de suas queridas penas e papéis.

Era o homem certo no lugar certo.

Seu cotidiano no escritório seria, para qualquer pessoa, insustentável. Do patrão ao servente, haveria ali não mais de uma dúzia de funcionários, mas todos, cada um segundo a própria inclinação e estilo, dedicavam-se a atormentar a existência de Agostinho, que tudo suportava sem um pio, com um sorriso, fechado dentro daquele amor à escrita.

Depois da longa caminhada pelo pó ou pela lama, pois os poucos vinténs de que poderia dispor jamais pagariam o luxo de um cabriolé, Agostinho Salvestro era sempre o primeiro a chegar ao trabalho, em tempo de esperar ali, na calçada, até que chegasse o chefe e abrisse a grossa porta de carvalho ao amanuense que se atirava à escrivaninha, iniciando imediatamente a cópia de algum contrato, enquanto seus pulmões alimentavam-se do mofo úmido que esverdeava os móveis e o próprio ar.

Decorridos alguns minutos, com a chegada do resto do pessoal, começava o dia para o escritório e a via-crúcis para Agostinho: um pedaço de papel com um pouco de goma-arábica era-lhe grudado ao casaco, e o escritório inteiro ululava de gozo, até que o pobre homem localizasse o instrumento da brincadeira, sorrisse e corasse um pouco ante as barbaridades que ali estivessem escritas.

Bolinhas de papel eram-lhe arremessadas contra a cabeça com tal regularidade que Agostinho nem mais tomava conhecimento delas, feito um empregado de confeitaria em meio às moscas regulamentares.

Tachinhas na cadeira e sapos pelas gavetas eram as manifestações mais comuns da atenção de que era alvo o pacato amanuense.

O próprio servente, velho tuberculoso e raquítico, costumava varrer toda a sala e atirar o lixo, levantando nuvenzinhas de pó seco, debaixo da mesa de Salvestro, dele conseguindo apenas uma leve interrupção na escrita, para uma tossezinha que o livrasse do engasgo, voltando logo após ao trabalho com renovada disposição.

Naturalmente as manifestações de mau humor obedeciam, naquele estabelecimento, a toda

uma hierarquia: o proprietário admoestava rudemente o tesoureiro, este berrava com o caixa, que se voltava contra o primeiro secretário, que quase agredia o segundo, que ia tomar satisfações com o almoxarife e, assim, a culpa ia sendo lançada de costado em costado, até que alguém xingasse o moleque de recados, que deitava a língua ao esquálido servente e, este, sem outra escolha, esbarrava propositalmente no braço de Agostinho Salvestro, fazendo-o borrar mesa e papéis. E Agostinho, embaraçadamente, levantava-se, presenteava o malcriado com um sorriso e, pedindo desculpas pela própria falta de jeito, dispunha-se a limpar a escrivantina e a refazer o documento que o tinteiro deramado inutilizara.

Mas, para alívio da boa ordem, Salvestro era um mau palhaço. As provocações encontravam uma reação tão passiva, uma acolhida tão dócil, que o tédio, aos poucos, esfriava o sadismo. E, assim, boa parte do tempo, Agostinho era deixado em paz, a um canto, sendo apenas utilizado de quando em vez, como a chapeleira, o mata-borrão ou qualquer outro utensílio do estabelecimento.

Apesar de tudo isso, dia após dia, num eterno dizer que sim com a cabeça, Agostinho mais feliz e dedicadamente atirava-se ao trabalho, levando serviço para a pensão, doando-lhe noites e domingos, quando o chefe lho permitia e o acúmulo de contratos, compromissos e relatórios a lavar era demasiado.

Poder-se-ia julgar que essa passividade e aplicação fossem devidas a um propósito de bajular, de despertar a atenção do empregador com vistas a uma possível promoção. Isso jamais lhe passara pela cabeça. Copiar documentos era o céu para ele. Considerava-se um privilegiado por manter aquela colocação e nada havia acima dela que ele pudesse almejar. Quanto aos maus tratos, o amanuense possuía uma deusas clara concepção política: patrão é patrão e empregado é empregado. São duas categorias imutáveis, duas condições indiscutíveis. Deus assim quer e está tudo muito certo. De forma que uma injúria, recebida de um superior, era para ele facilmente aceitável como nada mais que uma contingência da vida tal como ela era e como ela devia continuar sendo. Uma ordem ou um palavrão, vindos de alguém mais alto, eram para ele a mesma coisa. Um sorriso e a imediata execução dessa vontade expressa pareciam-lhe a resposta adequada.

E Agostinho, com esse modo de pensar, não fazia a menor distinção entre o tesoureiro e o faxina, sendo para com ambos solícito, atendendo suas vontades e suportando suas agressões. Se ali houvesse um cachorro, este poderia urinar-lhe nas calças, sem que o amanuense ao menos se afastasse, por medo de ofendê-lo.

E lá ficava Agostinho Salvestro, uma grande pena de ganso com ponta de aço à mão, copiando caprichosamente, caligrafia miudinha, algum compromisso de importação, menosprezado por todos, principalmente pelo proprietário, que somente não se livrava daquela cara ovina por serem sua dedicação e zelo indispensáveis ao negócio.

Aquela manhã, porém, e para sua surpresa, começara diferente. Pela primeira vez, em longos anos, Agostinho Salvestro, ao chegar ao escritório, encontrava-o de portas abertas.

Estaria atrasado? Deus, não era possível! Ele, atrasar-se?

Olhou ansiosamente para o grande relógio que encimava o livro de ponto. Não – ufa! –, felizmente não era nada disso. Mas então o que acontecera?

Hesitante, espiou para dentro: lá estava o mesmo chefe de sempre, com a mesma larga bunda a transbordar da cadeira, sorrindo feliz, como nunca antes o fizera, tendo à frente um misterioso pacote, aproximadamente do tamanho de uma valise, em papel pardo coberto por selos e inscrições em vermelho.

Agostinho não ousou entrar.

Violada a rotina, paralisou-se-lhe a responsabilidade profissional. Deixou-se ali, quietinho ficar, de frente para a porta, compondo um quadro de espera cujo único movimento era o dos ponteiros do relógio que engoliam os minutos: seis e cinquenta, seis e cinquenta e cinco, sete horas! Sete e cinco e os primeiros colegas, esbaforidos e mal-acordados, chegavam e acotovelavam o mumificado Agostinho, numa brincadeira já sem divertimento, cutucando-o por um costume quase obrigação e empurrando-o para dentro.

Frente àquela pequena turba semirruída, o patrão pôs-se de pé.

Era a hora habitual dos pitos pelo atraso e Agostinho, pela primeira vez na vida, sentiu-se parte do magote a ser admoestado.

Já com as orelhas rubras de vergonha, esfregando um ombro dolorido pela rudeza com que o cumprimentaram, só aos poucos o amanuense pôde perceber que os sons que lhe penetravam os sentidos não eram o que ele esperava. Formavam, ao contrário, a demagogia de um discurso de boas-vindas... De boas-vindas?!

Sacudindo o torpor que o invadira, Agostinho fez por prestar atenção: o discurso – voz rouca e péssima dicção – falava de uma nova era para o escritório, da mudança dos destinos do país, do progresso, da revolução tecnológica e, principalmente, da sabedoria do proprietário ao adquirir, por bons contos de réis, a mais esperada das maravilhas do

engenho moderno.

Àquela altura, a surpresa impusera a atenção mais religiosa e disciplinada a todos os presentes, que não conseguiam desgrudar os olhos do estranho pacote.

Salvestro torceu o nariz. Decididamente não gostava de novidades. Nem tampouco daquela súbita rompância senhoril que, sem mais, tomava ares de familiaridade com os empregados, perturbando os conceitos sociais aceitos por Agostinho.

Pulmões ofegantes pela curiosidade, já uma presença audível no ambiente, resfolegavam, competindo com a voz do orador.

Que conteria o pacote?

Continuava o discurso – “... maior aproveitamento do trabalho, mais eficiência, mais rapidez, maiores lucros, talvez até melhores salários...” – cada vez mais ininteligível, à medida que se elevava o tom de voz.

A ansiedade começou a dar coceira. O caixa coçou a orelha. O tesoureiro a barriga. O moleque a carapinha, o secretário o olho, o servente o interior do nariz e, aos poucos, o roc-roc de unhas sujas sobre peles e cartilagens tomou aspectos de acompanhamento rítmico de alguma dança selvagem.

E era quase isso o que acontecia. O orador empregava três gestos para cada frase que, pronunciadas num crescendo de alteração apoplética, tornavam-no numa rubra e volumosa bailarina, atirando banha e suor a apalermados espectadores que cada novo segundo de explanação mais desentendiam.

Refugiado a um canto, atrás de todos, Agostinho podia apenas entrever mãos balofas girando como pás de moinho por sobre as cabeças dos empregados. Nada mais ouvia. Toda a atenção de que era capaz, todo o raciocínio, tardo, desacostumado, prendiam-se ao misterioso pacote. Como um minúsculo verme, uma pequenina ideia lá bem dentro do seu cerebrozinho fazia-o teimosamente intuir que aquele pacote representava um tremendo perigo para si. Sentia uma estranha relação, muito íntima, entre o pacote e a sua pessoa. Suou, suou frio, enquanto sentia os dentes entrebaterem-se intermitentemente no mesmo ritmo do tremor das mãos.

Agostinho Salvestro, naquele momento, mais que nunca em sua vida, teve medo.

Falta de ar, engasgo final foram o “tenho dito” do orador. Exausto, foi aplaudido pelo silêncio total. Nem coçares, nem respiros, nem pigarros. Somente a espera. Insuportável já.

Recobrado a muito custo o fôlego, novamente sorrisos, agora quase um esgar, o

patrão encaminhou-se pesadamente para o embrulho. Agostinho seguia-lhe cada movimento. Grossos dedos lidavam com nós desenleáveis, terminando por arrebentar barbaletes, despedaçar papéis, papelões, e apresentar triunfalmente o conteúdo tão aguardado.

Foi nesse momento que o amanuense o odiou. Jamais se apercebera da imagem de arrogante supremacia que o imenso patrão representava. Agora ele via um enorme e fétido monstro destruindo-lhe cinicamente o futuro. Arrancando-lhe pedaços da carne. Dilacerando-lhe a vida. Teve certeza disso.

Mal se desfez o pacote, Agostinho atirou-se num repente, empurrou corpos, pisou calos, colocou-se à frente e olhou.

Tratava-se de um estranho objeto metálico. Negro, cheio de pinos, rolos, manivelas e botões. Em cada botão uma letra. Ninguém na sala, a não ser Agostinho e o empregador, percebeu o que era a engenhoca.

Uma máquina de escrever!

Salvestro soubera-o no primeiro instante em que deu com os olhos nas teclas letradas. Ocorreu-lhe uma notícia de jornal lida há algum tempo: ia-se tornando popular o uso de um engenho mecânico para escrever e, na capital, chegavam as primeiras importações destinadas principalmente a repartições do governo.

A visão da máquina fora, de certa forma, decepcionante para os espectadores. Não correspondera ao entusiasmado discurso, de modo que todos boquiabertos estavam e boquiabertos mantiveram-se, aguardando a continuação do capítulo.

A lividez de Agostinho acompanhou uma folha de papel cuidadosamente introduzida entre os mecanismos. Quisera fugir, o ar lhe faltava, o suor alagava, as pernas tremiam e um vácuo na boca do estômago diagnosticava muito mais o pânico do que a ausência de alimentos desde que o amanuense acordara em seu modesto quarto de pensão. Contorceu-se, tentando escapar, mas a fuga era impossível. Todos apertavam-se em torno do patrão, ávidos por compreender, comprimindo o pobre amanuense contra a mesa até que a quina da escrivaninha quase lhe penetrasse a virilha.

Veio-lhe à mente a ideia que fizera ao tomar conhecimento da existência de tal máquina de escrever: uma metálica manopla, segurando uma pena de aço, traçava com ruídos ensurdecidores grandes letras sobre um caderno oculto por incompreensíveis maquinismos. Mas, naquele momento, compreendeu seu erro.

O gordo, sorrindo, levantou as duas mãos como um prestidigitador ao começar a função, esticou os indicadores, fechou os outros dedos sobre as palmas, exibiu as duas grossas linguças onde unhas sarrentas de tabaco estavam coroadas por uma negra meia-lua, e tentou repetir a explanação de vendas ouvida no dia anterior quando adquirira a máquina em uma casa de importação.

Em seguida, pesadamente, martelou um botão.

Um ruído seco.

Sobre o papel, surgia uma letra negra, de forma, bem traçada.

Outra batida.

E outra.

Outra ainda.

Uma palavra se formava. E tão perfeita quanto os tipos de um jornal!

O homem foi acelerando as marteladas. Ruídos como o do crepitar de uma fogueira foram aumentando. A cada batida, o papel corria sobre a máquina como se movido por encanto.

O crepitar aumentava e aumentava e aumentava.

Bonitas formigas cobriam regularmente, organizadamente o papel.

Apareceu primeiro um sorriso como o de um índio diante de um espelho. E os sorrisos foram-se abrindo. O crioulinho deixou ver as gengivas e o almoxarife, uma bonita cárie como um minúsculo buraco de bala entre os dois incisivos superiores. Aos poucos, todos os empregados sorriam, olhos esbugalhados de admiração. Segundos depois, os sorrisos pareciam risadas, as risadas gargalhadas e o escritório inteiro um manicômio.

Enquanto o patrão continuava a massacrar o mecanismo, agora tresloucadamente, já sem o intuito de formar palavras, os empregados gritavam, abraçavam-se, riam, comen-tavam, pulavam e, ao som do ticti-tocti da máquina, aquilo se foi transformando numa dança louca, louca...

Sob uma escrivanhinha, a mais afastada, enrolava-se Agostinho Salvestro, o amanuense. Totalmente oculto, o escuro chapéu de feltro enterrado até às sobranceiras, os olhinhos tristes, tristes, piscavam rapidamente, enquanto lágrimas grossas, fartas, quentes, corriam-lhe pelo rosto, indo encontrar o suor do colarinho.

A partir daquela data, o escritório passou por completa reformulação.

Mais inchado ainda de orgulho pelo advento da nova era, o proprietário, manifestando o primeiro reconhecimento à dedicação de Agostinho, designou-o para operar a máquina.

O pobre amanuense, lívido, choramingou, negaceou, implorou, implorou que lhe dessem algo a copiar, prometia caprichar ainda mais no serviço, traçaria letras de forma se quisessem, se quisessem poderiam reduzir-lhe o salário...

A época da pena e tinteiro estava superada, todavia. Transformando a inicial magnificência numa ordem rude, o chefe, com um gesto, fê-lo sentar-se à máquina debaixo da expectativa geral.

O pânico apossara-se de sua pessoa. As mãos estavam grudentas de suor. Limpou-as nas coxas e olhou em volta. Todos haviam abandonado o que faziam e esticavam o pescoço até ele.

Agostinho recordou-se dos sucessos do dia anterior quando, depois da orgia que comemorara a entrada daquela inovação no escritório, o chefe dispensara os empregados, decretando feriado o resto do dia. O amanuense, oculto sob a escrivãzinha, lá se deixou ficar, chorando, completamente desapercibido de todos, que foram deixando um a um o escritório. Muito mais tarde, Agostinho esgueirara-se pela janela traseira e, pulando o muro, fora tomar o primeiro porre de sua vida.

Agora, com a cabeça prestes a explodir, desacostumado à ressaca, o amanuense olhou súplice para o empregador como o condenado que, já com a corda no pescoço, olha para o carrasco esperando revogação da sentença.

Um sobrolho carregado obrigou-o a voltar-se para a máquina.

Aquele monstro metálico parecia querer devorá-lo. As teclas assemelhavam-se às serpentes da cabeça de alguma medusa, pequenas fauces famélicas, hiantes, avidamente à espera, para decepar-lhe as falanges com dentinhos afiados.

Benzeu-se, tendo a certeza de que, em algum longínquo país, alguém inventara aquela engenhoca com a única finalidade de prejudicar Agostinho Salvestro, o humilde amanuense.

Aspirou fundo, as narinas fecharam-se sibilando e, timidamente, iniciou a função.

Horror! Procurava uma letra, imprimia-se outra. Levava uma eternidade para localizar a próxima. Duidava da existência da seguinte. Rezava. Balbuciava. Tremia. Erguia os olhos numa expressão patética de carneiro que vai sendo levado ao matadouro. Clemência,

auxílio, perdão!

Nada.

À volta, sorrizinhos. Risadinhas de mofa. Gargalhadas de escárnio. Esgares. Prazer!

Afinal, Agostinho Salvestro estava descontrolado. Não mais conseguindo manter a passiva indiferença de antes, as brincadeiras encontraram eco e ele conheceu o inferno em vida.

O empregador estabeleceu uma semana de prazo para que o datilógrafo pudesse adaptar-se à nova função. Agostinho porém, só regredia. Como um pesadelo, passavam-se as horas no escritório: à frente, aquela hidra de aço mordendo-lhe os dedos, escarnecendo de sua vontade, torcendo suas intenções. Atrás e à volta, os carrascos, com novo ânimo, já não mais sabiam o que inventar para prejudicar-lhe o trabalho e o espírito.

Depois de horas de tentativas, suando, Salvestro verificava que só pudera imprimir algumas poucas linhas. À noite, encolhido no catre, o coração aos pinotes, ele sonhava com letras de forma, teclas, risadas, bocas e dentes, bocas e dentes, bocas e dentes...

Além disso, Agostinho dera para beber. Podia-se agora encontrá-lo, àquele outrora mais sóbrio homem do mundo, entornando sem prazer, com asco até, uma cachaça barata que, se não o aliviava, ao menos dava-lhe sono.

Assim, antes que o prazo expirasse, o escritório tinha novo empregado.

Era um jovem, mal vinte anos, bem trajado, ar pretensioso, que surgira certa manhã e, apresentado pelo chefe, que concordara em pagar-lhe um salário bem acima do usual da firma, gabara-se de um profundo conhecimento, técnico e funcional, da máquina de escrever, o que foi prontamente demonstrado.

Agostinho Salvestro viu-o sentar-se à máquina, mexer os dedos para ativar-lhe a circulação e, com um sorriso de completa autoconfiança, pôr-se ao trabalho. Aqueles dedos, longos e finos, qual pianista virtuose ante seleta plateia adepta da boa música, deslizaram com tal rapidez sobre o teclado, que uma lauda inteira estava irreprochavelmente preenchida em minutos!

O escritório inteiro, embasbacado, prorrompeu em aplausos quando o jovem, num gesto rápido e teatral, arrancou o papel da máquina e apresentou-o à volta como se fosse uma obra-prima da Renascença Italiana recentemente descoberta. Modestamente, inclinou a cabeça em agradecimento às palmas e retomou seu lugar, dispondo-se a continuar a função.

Agostinho balançava a cabeça desacreditando, e o patrão balançava a cabeça com agrado,

desacreditando e desbancando o triste amanuense: enquanto o jovem era guindado à posição de coqueluche do escritório, alvo da inveja, homenagem e admiração do chefe e dos colegas, além do “não me toques” das donzelas da cidade, Agostinho foi transferido para o balcão de estampilhas.

Com o coração esmigalhado pelas saudades de suas adoradas escritas, a cabeça à volta com tantas novidades, Salvestro tudo confundia e, ao estampar um selo sobre a nota de dinheiro que um cliente apresentara em pagamento, mudaram-no para o almoxarifado. Lá, as mãos trêmulas, os olhos turvos, quebrou três tinteiros e danificou preciosos blocos de papel importado. Acabou então como auxiliar do servente, tendo como principal tarefa fazer a limpeza das privadas.

A pique de botá-lo no olho da rua, o patrão acabou mantendo-o nesse cargo porque, dada a sua atual desatenção e desleixo, Agostinho executava tão mal o serviço, os sanitários exalavam um cheiro tão fétido, que os empregados não mais podiam encurtar as horas de trabalho permanecendo mais do que o necessário naquele local.

Agostinho Salvestro novamente estabilizara-se numa função.

* * *

O centro da cidade amanhecera engalanado naquele dia e, agora, o sol assava lentamente a multidão que cercava o palanque oficial. A banda já calara seus dobrados, e todos podiam ouvir a peroração do prefeito, que suava em bicas, metido num terno de linho inglês. A imobilidade da assistência era apenas perturbada pelo abanar de dezenas de palhetas espantando o calor e as moscas.

Ao lado do palanque, via-se um bonde todo coberto de flores e fitas, com o senhor pároco postado à frente, pronto a promover a bênção, logo que terminasse o discurso.

O alcaide explicava roucamente as vantagens que a cidade haveria de auferir de sua preclara administração: não mais os primitivos bondes puxados a burro; aqueles eram os tempos da Eletricidade, e todos deviam agora sentir a honra de testemunhar a inscrição daquele município no rol dos maiores do mundo que já possuíam bondes elétricos.

Em meio à hesitante ovação da plateia, ouviu-se uma voz solitária que berrava qualquer coisa sobre o desemprego dos burros, a crise na produção de alfafa e, subitamente, um homem correu em direção ao reluzente veículo.

Entre os gritos histéricos das senhoras, desmaiios, o pároco a correr, o anarquista pôs-se a arrancar as fitas e galões que enfeitavam o bonde e a sacudi-lo pelos balaústres, como se pudesse demoli-lo, qual Sansão entre as colunas do templo filisteu.

Um lampejo de aço no ar e o destruidor foi abatido pelo sabre do comandante militar da região que, tão engalanado quanto o bonde, ergueu o braço armado, espetando o ar em indiscutível gesto para a História.

Quem teve coragem, olhou para o corpo que tombara sobre os estribos do bonde batizado com sangue no dia de sua inauguração. A cabeça, quase decepada, tinha ainda uma gravatinha-borboleta presa à garganta aberta.

Mas, naquela época, muitos homens usavam gravatinhas-borboleta, de modo que essa pequena tragédia provavelmente nada teve a ver com a história de Agostinho Salvatru, o amanuense.

Apenas lembrei-me de contar suas desventuras porque hoje em dia as máquinas de escrever voltaram à moda devido ao colapso total de todos os computadores, depois da invasão do Vírus Final. Ainda está gravado em minhas retinas o último lampejo de meu computador, antes de apagar-se para sempre: uma figura antiga, com uma gravata-borboleta ensanguentada presa a um pescoço sem cabeça...

Curiosidade:

Você sabia que a máquina de escrever foi inventada por um brasileiro? É verdade! Quem criou a primeira geringonça capaz de martelar letrinhas de forma numa folha de papel foi o padre pernambucano Francisco João de Azevedo, que apresentou o invento numa exposição realizada em Recife em 1861. Como não havia brasileiros interessados no invento do padre, até porque não havia industriais no Brasil, sua invenção foi desprezada por aqui. No entanto, a essa exposição havia comparecido um industrial americano chamado Remington, que fabricava espingardas em seu país. O homem deve ter-se interessado vivamente pela invenção do padre, pois, em 1868, a máquina de escrever foi patenteada por um seu funcionário chamado C.L. Shole e, em 1873, foi lançada a máquina de escrever Remington nº 1 nos Estados Unidos. Por isso, durante décadas o Brasil pagou “royalties” aos americanos por uma invenção brasileira...

Mais de cem anos depois, surgiram os microcomputadores, que só se tornaram possíveis graças aos “chips” fabricados com silício. E os criadores americanos dos chips basearam-se numa pesquisa brasileira sobre a condutibilidade elétrica do silício. Bom, mas isso já é outra história...

Como mais uma informação a respeito das invenções aparecidas no conto, no Brasil o primeiro bonde puxado a burro surgiu em 1871 em Santos, no Estado de São Paulo e ligava o centro da cidade à Barra do Boqueirão. Já em 7 de julho de 1873, foi inaugurada a primeira linha de bondes puxados a burro ligando Santos à vizinha São Vicente. Em 1909, foi inaugurada a primeira linha de bondes elétricos vindos da Inglaterra.

Assim, pode-se dizer que imaginei um conto que poderia ter começado a acontecer por volta dos primeiros anos da década de 70 do século XIX e terminado em 1909.

Em Santos, o bonde elétrico desapareceu em fevereiro de 1971.